

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCSO
CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS DA POLÍCIA MILITAR DO MARANHÃO

LEONEL MOREIRA LEITE

**DOMA RACIONAL E SEUS BENEFÍCIOS NO 1º REGIMENTO DE POLÍCIA
MONTADA DA PMMA**

São Luís - MA

2022

LEONEL MOREIRA LEITE

**DOMA RACIONAL E SEUS BENEFÍCIOS NO 1º REGIMENTO DE POLÍCIA
MONTADA DA PMMA**

Monografia apresentada ao Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar do Maranhão da Universidade Estadual do Maranhão, como pré-requisito para a obtenção do título de bacharel em Segurança Pública e Conclusão do CFO – PM.

Orientador: Major QOPM Alessandro Ferreira Ramalho

São Luís - MA

2022

Leite, Leonel Moreira.

Doma racional e seus benefícios no 1º Regimento de Polícia Montada da Polícia Militar do Estado do Maranhão / Leonel Moreira Leite. – São Luís, 2022.

... f

Monografia (Graduação) – Curso de Formação de Oficiais PM-MA, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientador: Prof. Alexsandro Ferreira Ramalho.

LEONEL MOREIRA LEITE

**DOMA RACIONAL E SEUS BENEFÍCIOS NO 1º REGIMENTO DE POLÍCIA
MONTADA DA PMMA**

Monografia apresentada ao Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar do Maranhão da Universidade Estadual do Maranhão, como pré-requisito para a obtenção do título de bacharel em Segurança Pública e Conclusão do CFO – PM.

Orientador: Major QOPM Alexsandro Ferreira Ramalho

Aprovada em _____ de janeiro de 2022.

Comissão examinadora

Maj QOPM Alexsandro Ferreira Ramalho (orientador)
Polícia Militar do Maranhão - PMMA

Prof. Dr. José Arnodson Coelho de Sousa Campelo
Universidade Estadual do Maranhão

Tem Cel QOPM José Soares Pereira de Sousa Junior
Polícia Militar do Maranhão - PMMA

AGRADECIMENTOS

Os caminhos que percorri desde que entrei para o Curso de Formação de Oficiais, as pessoas que levei comigo, as que conheci e me acompanharam nessa caminhada foram cruciais para este momento que estou vivendo. Lembro-me perfeitamente de quando almejava entrar para as fileiras da corporação dentro do oficialato, e como isso era apenas um sonho, e hoje estou concluindo essa linda etapa da minha vida.

Desta forma gostaria de agradecer primeiramente a Deus e a meus pais: Raimundo Nonato Mendes Leite e Maria das Graças Moreira Leite, que me ajudaram nessa árdua caminhada durante esses quatro anos de curso, agradeço principalmente pelos conselhos dados e por todo o apoio que recebi deles.

Ao Meu orientador Major QOPM Ramalho pela orientação e conhecimentos repassados, principalmente na área da equitação a qual tenho uma paixão indescritível, agradeço também por ter me recebido e acolhido no 1ºRPMont, fazendo-me sentir parte dessa grande família.

Agradecer ao Tenente Coronel QOPM Soares Junior por todos os conhecimentos repassados na disciplina de policiamento montado, a qual pude aprimorar meus conhecimentos de equitação e ter uma base do policiamento ostensivo a cavalo, nessa perspectiva também o agradeço pela oportunidade que me deu de estagiar no 1ºRPMont, onde pude desenvolver minha pesquisa e adquirir cada vez mais conhecimento na área

Ao Capitão QOAPM Fonseca e ao 1º Sargento S. Cutrim, que me introduziram no mundo dos cavalos e me ensinaram a arte da equitação e da doma racional que é o tema dessa pesquisa.

Agradecer à minha namorada Amanda Marinho, por estar a meu lado durante boa parte da minha caminhada no Curso de Oficiais, sempre me apoiando e ajudando-me.

E por fim, agradeço a minha amiga e parceira de turma, Cad. Conceição, pelo apoio e parceria na reta final desta produção acadêmica.

A todos/as meus sinceros agradecimentos!

RESUMO

O presente trabalho busca analisar aspectos e benefícios do processo de doma racional e como essa doma pode trazer bons resultados em atividades com equinos, visa também mostrar as características da doma tradicional e como estes dois tipos de doma apresentam-se na atualidade, reforçando o fato da doma racional ser o procedimento aceito na atualidade por estar em conformidade com a lei Nº 9.605/98 que trata entre outros assuntos do bem-estar animal. Será feita a apresentação de um estudo realizado no 1º Regimento de Polícia Montada da PMMA, onde foram observados como acontece a aplicação da doma racional no Regimento, dando atenção a equipe que trabalha de forma direta ou indireta com os equinos. Para início, realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico, trazendo autores como: Dias (1997), Cintra (2011), Breda (2020) entre outros, para referenciar os processos de doma racional observados nas análises de campo feitas no local de pesquisa, assim como o acompanhamento da doma de alguns equinos feita por um instrutor referenciado, tudo isso visando entender como a doma é vivenciada no cotidiano da corporação, demonstrando que a aplicação correta poderá resultar em resultados qualitativos.

Palavras-chave: Equinos. Polícia Montada. Doma Racional.

ABSTRACT

The present work seeks to analyze aspects and benefits of the rational taming process and how this taming can bring good results in activities with horses, it also aims to show the characteristics of traditional taming and how these two types of taming present themselves today, reinforcing the fact of rational taming being the currently accepted procedure as it complies with Law No. 9,605/98, which deals, among other matters, with animal welfare. A study will be presented at the 1st Mounted Police Regiment of PMMA, where the application of rational taming in the Regiment was observed, paying attention to the team that works directly or indirectly with the horses. To begin with, a bibliographic research was carried out, bringing authors such as: Dias (1997), Cintra (2011), Breda (2020) among others, to reference the rational taming processes observed in the field analyzes carried out at the research site. , as well as the monitoring of the taming of some horses made by a referenced instructor, all this aiming to understand how the taming is experienced in the daily life of the corporation, demonstrating that the correct application can result in qualitative results.

Keywords: Equines. Mounted Police. Rational Taming.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Cronograma de vacinação dos equinos do 1ºRPMONT	24
Figura 2: Cronograma de vacinação dos equinos do 1ºRPMONT	26
Figura 3: Planejamento alimentar dos equinos do 1º RPMONT.....	29
Figura 4: Buçal de corda	33
Figura 5: Anatomia equina	33
Figura 6: Aproximação parte 1	34
Figura 7: Aproximação parte 2	35
Figura 8: Aproximação parte 3	36
Figura 9: Cabrestamento parte 1.....	36
Figura 10: Cabrestamento parte 2.....	36
Figura 11: Cabrestamento parte 3.....	37
Figura 12: Cabrestamento parte 4.....	37
Figura 13: Cabrestamento parte 5.....	37
Figura 14: Descensibilização parte 1	38
Figura 15: Descensibilização parte 2	39
Figura 16: Descensibilização parte 3	39
Figura 17: Descensibilização parte 4	39
Figura 18: Descensibilização parte 5	39
Figura 19: Serrilhão e guia	40
Figura 20: Chicote de guia	40
Figura 21: Exercício de guia parte 1.....	41
Figura 22: Exercício de guia parte 2.....	41
Figura 23: Sela.....	42
Figura 24: Manta.....	42
Figura 25: Barrigueira	42
Figura 26: Encilhamento parte 1	42
Figura 27: Encilhamento parte 2	42
Figura 28: Encilhamento parte 3	43
Figura 29: Encilhamento parte 4	43
Figura 30: Encilhamento parte 5	43
Figura 31: Bridões e freios bridões.....	44

Figura 32: Encilhamento parte 6	45
Figura 33: Encilhamento parte 7	45
Figura 34: Capacete	45
Figura 35: Bota de equitação	45
Figura 36: Montaria parte 1	46
Figura 37: Montaria parte 2	46
Figura 38: Montaria parte 3	46
Figura 39: Montaria parte 4	46
Figura 40: Exercício de flexionamento parte 1	47
Figura 41: Exercício de flexionamento parte 2	48
Figura 42: Cancelas	49
Figura 43: Tonel utilizado como obstáculo	50
Figura 44: Túnel visto de fora e de dentro	50
Figura 45: Obstáculo em forma de pirâmide	51
Figura 46: Escadaria	51
Figura 47: Fosso com água	52
Figura 48: Ponte de madeira	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 1º REGIMENTO DE POLÍCIA MONTADA DO ESTADO DO MARANHÃO: da sua constituição a aplicabilidade da doma	11
2.1 Os caminhos percorridos até a constituição do 1º RPMont	11
2.2 Doma racional e doma tradicional: aplicação no 1º RPMont.....	13
3 A FUNCIONALIDADE DO MANEJO DENTRO DO 1º REGIMENTO DE POLÍCIA MONTADA	21
3.1 Manejo Sanitário	23
3.2 Manejo Reprodutivo.....	26
3.3 Manejo Alimentar	28
3.4 Manejo Geral dos Potros	30
4 EXECUÇÃO DO PROCESSO DE DOMA RACIONAL E PREPARAÇÃO DOS POTROS PARA O POLICIAMENTO	32
4.1 Iniciação do Potro na Doma	32
4.2 Primeiro Encilhamento e Primeira montaria.....	41
4.3 Trabalho nas rédeas e flexionamento	47
4.4 Treinamentos de choque.....	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE A.....	57

1 INTRODUÇÃO

A doma é todo processo no qual o ser humano tenta subjugar o equino a sua vontade de forma a estabelecer uma comunicação comum entre ambos e poder utilizar-se da força de trabalho do animal para diversas finalidades como esporte, trabalho etc. Todavia o processo de doma, em princípio, utilizava-se de métodos rudimentares para dominar o equino, como a violência e uso de materiais que comprometiam a integridade física; foi nesse contexto que em meados da década de 50 nos Estados Unidos um grupo de criadores de cavalos, através de estudos comportamentais dos animais, desenvolveram a doma racional ou doma gentil, que é um processo de domesticação o qual não utiliza violência, como podemos ver no trecho abaixo retirado da Coleção SENAR:

[...] a perseverança, a paciência, a repetição, o ritmo progressivo e contínuo, fazendo com que o animal fique mais calmo, confiável, corajoso e ligado ao homem, pois prega o respeito ao equídeo e valoriza seu aprendizado por meio de recompensas a cada obstáculo superado (p. 08).

No atual contexto do 1º Regimento de Polícia Montada da Polícia Militar do Estado do Maranhão (1º RPMont), a utilização do cavalo tem inúmeros fins, sendo o policiamento ostensivo montado o principal deles, dessa forma os animais devem ser submetidos a diversos treinamentos para que possam entregar sua força de trabalho a sociedade de forma satisfatória nos policiamentos e patrulhamentos em grandes eventos e operações de choque montado, portanto a padronização do ensino da doma racional para as praças e oficiais do regimento é fundamental para o melhor desempenho desses animais nas atividades de policiamento e outras que o 1º RPMont oferece como a escolinha de equitação e a equoterapia, visto que os animais trabalhados através da doma racional são mais confiantes e não costumam desenvolver traumas.

Nessa pesquisa é fundamental considerar a escolha da doma racional também quanto ao aspecto legal, visto que ela está em conformidade com a lei nº 9.605/98, de 12 de fevereiro de 1998, que trata, entre outros assuntos, de maus tratos aos animais, já a doma tradicional, além dos malefícios que ela traz ao equino, é considerada maus tratos por especialistas e não é mais aceita em nenhum tipo de ambiente profissional. A partir disso esse trabalho monográfico tem como hipótese esmiuçar todo o processo de doma racional e como aplicá-lo na preparação do cavalo

para as diversas atividades desenvolvidas no 1º RPMont, bem como explicar todos seus benefícios para os animais do Regimento servindo como base para os integrantes da equipe; praças oficiais e funcionários civis.

Outro tema que será tratado dentro deste trabalho é o manejo dos equinos pois ele está intimamente ligado a doma e influi diretamente no bem-estar dos equinos. Dessa forma discorreremos sobre o manejo sanitário, reprodutivo, alimentar e manejo dos potros e como pode ser melhorado dentro do Regimento.

É importante salientar que o interesse pelo tema surge a partir do contato direto com a equitação e posteriormente com a disciplina de Policiamento Ostensivo Montado, onde foi possível ver de perto todo manejo que é feito com animais do 1º RPMont.

Esse estudo visa contribuir com um melhor desempenho dos animais para todas as atividades desenvolvidas no Regimento; policiamento montado, escolinha de equitação e equoterapia, tanto para os equinos *xucros* que ainda iniciarão o processo de doma, quanto para os já iniciados, visto que a doma é um processo contínuo e sempre possibilita a correção e o melhoramento do cavalo.

Buscamos tratar a doma racional de equinos em seus diversos aspectos e seus benefícios para o 1ºRPMont PMMA no que diz respeito a seu trato para missões realizadas na sociedade maranhense como também o manejo desses animais de uma forma geral e como isso influencia na sua saúde e bem-estar.

Os estudos consolidaram-se em duas principais etapas de pesquisa, a primeira diz respeito a pesquisa bibliográfica onde buscou-se material que fundamentasse o tema doma e o manejo dos equinos, necessários para compreensão e percurso do estudo aqui apresentado. A segunda etapa, foi a pesquisa de campo realizada durante toda a trajetória, realizando análise de toda a corporação e da funcionalidade do Regimento, juntamente com a aplicabilidade da doma. Mostramos a seguir o capítulo que tratará de forma detalhada os aspectos da doma racional.

2. 1º REGIMENTO DE POLÍCIA MONTADA DO ESTADO DO MARANHÃO: da sua constituição a aplicabilidade da doma

Tratar da doma dentro do 1º Regimento de Polícia Montada do Maranhão é de suma importância uma vez que esse regimento é essencial para atuação policial em sociedade. Dessa forma, é importante abordar o processo de domesticação dos equinos e dentro deste, a doma desses animais. A domesticação contribui de forma mais contundente, nas mudanças de comportamento natural da espécie, sendo as mudanças nos padrões de manejo adotados, responsáveis pela melhoria dos aspectos produtivos e reprodutivos dos animais (MASON & RUSHEN, 2006).

Segundo BECK e CINTRA (2011) todo cavalo é fruto das ações de manejo, alimentação e genética, com a finalidade de obtenção de resultados positivos associados ao desempenho do animal. Assim, a doma racional é uma importante ferramenta para o bom desenvolvimento dos equinos e implantação dentro de operações que requerem o uso destes.

Dessa forma, abordaremos neste capítulo os percursos trilhados até o 1º RPMont ser constituído, passando por suas fases de construção ao longo da história. Abordaremos também os tipos de doma e como a doma racional é aplicada no Regimento, atentando para sua importância.

2.1 Os caminhos percorridos até a constituição do 1º RPMont

O 1º Regimento de Polícia Montada da Polícia Militar do Estado do Maranhão, inicialmente recebeu o nome de 1º Esquadrão de Polícia Montada, criado em 17 de abril de 1986, através de Lei n.º 4.716, no governo do Sr. Luiz Rocha, teve como seu primeiro Comandante o então capitão João Domingos Coelho, sendo atualmente comandado pelo Ten Cel QOPM Soares Júnior.

Na implantação o 1º Esquadrão de Polícia Montada (1º EPMont) teve sede provisória no Parque Independência para onde foram levados os primeiros cavalos adquiridos. No período que compreende os anos de 1989 a 1990, o 1º EPMont, já ocupando as suas atuais instalações no Quartel do Comando Geral, passou por uma letargia onde se cogitou, inclusive, sua extinção. Mas a alma cavalariana foi mais forte e o 1º EPMont teve em 1991, uma injeção de ânimo com a aquisição de novos animais

no Cmdo do Cel Ventura - EB. Porém, o impulso propulsor estava por vir, durante o Comando Geral do Senhor Cel do EB, Francisco Mariotti, o 1º EPMont andou em passos rápidos rumo às exigências da demanda do serviço que tanto se sentia necessário. De 1993 a 1995 a Polícia Militar do Maranhão (PMMA) adquiriu novas remontas para suprir a necessidade de equinos de seu plantel.

No ano de 1994 o 1º EPMont inaugurou o plantio de capineira em sua área, acabando com o grave problema de falta de verdejo que acometia a unidade por longos períodos, sobretudo, em épocas de estiagem.

Em 1995, o 1º EPMont foi alvo de citações através da mídia local por ter sido investigado durante os trabalhos da comissão parlamentar de inquérito, que apurava a compra de cavalos e ração com preços superfaturados. Desse episódio o 1º EPMont reiterou vários ensinamentos que serviram para fomentar uma diretriz de planejamento, direção, condução e controle das atividades de suprimentos e aquisição de equinos e ração. Para regular esses itens, o Sr. Cel da PMMA Manoel de Jesus Moreira BASTOS, criou em 1996 por uso de portaria, solidificou as normas para controle de equídeos da PMMA e o 1º EPMont passou a receber ração através da diretoria de apoio logístico que adquire o produto em forma de licitação pública. Essas medidas em muito ajudou o 1º EPMont no planejamento e execução de seus serviços.

Em 1996, o Exmo. Sr. Cmt, editou a portaria criando a Escolinha de Equitação da PMMA que já funcionava no 1º EPMont desde 1993.

O 1º EPMont também vem desempenhando um importante papel de relações públicas graças à prática do Esporte Equestre que é desenvolvido pela Escolinha de Equitação da PMMA. Este esporte que também tem incentivado muito nossa tropa à prática, possibilitou o acesso de civis ao esquadrão, proporcionando um ambiente participativo onde as pessoas que frequentam as nossas instalações assumem uma postura positiva ao conhecer a rotina da unidade e sua importância para a Capital.

Em 15 de junho de 2018, foi transformado em 1º Regimento de Polícia Montada (1º RPMont), com sede no município de São Luís. Cumprindo uma estratégia de planejamento para expansão do policiamento montado a corporação se empenha na capacitação de seus quadros com o envio de pessoal para realizar cursos de especialização na área de equitação e policiamento. Em 1994, o 1º EPMont recebeu o primeiro oficial da PMMA com o curso de instrutor de equitação realizado na Escola

de Equitação do Exército. Além da parte operacional de serviços e de instruções, o 1º EPMont consta em sua constituição de uma seção veterinária que hoje conta com os trabalhos de oficiais médicos veterinários.

2.2 Doma racional e doma tradicional: aplicação no 1º RPsomont

Ao longo da história os animais foram por muito tempo utilizados como meio de transporte para os seres humanos e cargas, com isso observa-se os equinos como animais de resistência e força presentes no cotidiano das pessoas, não apenas como animais para transporte, mas como verdadeiros companheiros.

Dessa forma, o homem precisou domesticar os cavalos para que o convívio destes em sociedade pudesse ser o mais leve possível, então o que observa-se desde os tempos remotos é que houve a necessidade de estudo do comportamento do animal frente ao seu processo de adaptação em relação ao ambiente em que vive, haja vista, vem surgindo cada vez mais a necessidade de domesticar, domar e adestrar o animal (BORGES, 2015; FARIAS, 2017).

A doma surge com o anseio do homem em controlar os animais que eles precisavam para facilitar as atividades do seu dia a dia. Dessa forma a doma de equídeos, consiste em uma série de técnicas ordenadas, que permite a comunicação entre o homem e o cavalo, o que historicamente é entendido como um processo de dominação e submissão do animal as vontades do homem.

Segundo TRAVOS e CAJU (2011) há diferentes métodos utilizados para doma, à exemplo a doma tradicional em que geralmente utiliza-se de violência para retirada da moral do cavalo, bem como a doma racional, que faz uso do estudo da etologia (comportamento) do cavalo, para conquistar a submissão a partir de canais de comunicação agradável e confiança mútua.

De modo geral são poucos os escritos a respeito do treino e manejo de cavalos, um dos mais antigos textos sobre essa temática que se tem notícia, data entre 1.375 e 1.335 a.C.; em escrita cuneiforme, é de autoria de Kikkuli (espécie de escudeiro do rei hitita Suppiluliuma). Trata-se de cinco tablets em argila, recuperados nas escavações de Hugo Winckler no sítio de Boghaz-Koy, Anatólia, em 1906 (Faigan, 2015). O texto foca principalmente nos cuidados a serem dados aos cavalos puxadores de carros de guerra e de desfile do exército hitita, além de um programa

de exercícios para os animais, com a duração de 184 dias. Fica claro com isso, que os cavalos sempre estiveram presentes ao longo da história, e eram/são usados em vários fins.

Quando buscamos tratar de contextos ocidentais, pode-se dizer que há pouquíssimos registros escritos voltados para doma e equitação, de que se tem conhecimento, até cerca da Idade Média. É criado o conceito de “Haute École” (Alta Escola), principalmente voltado ao adestramento. Buscava-se então aperfeiçoar os andaduras naturais do cavalo, e criar uma série de movimentos a serem executados pelo conjunto cavalo e cavaleiro com “harmonia e exatidão”.

GRISONE (2008) prega que o animal deveria ser tratado com paciência e suavidade, dando o tempo necessário para sua evolução no aprendizado, mas em caso de o cavalo resistir aos comandos repetidas vezes, a orientação era que deveriam ser aplicados castigos físicos e psicológicos, pois o cavalo estaria sendo “maldoso” ou “indomável”. Os castigos físicos poderiam envolver pancadas com vara na cabeça e entre os olhos. Também poderiam envolver a “tortura”.

Contudo, é importante considerar que a interação cavalo e humano, gera grandes impactos físicos, fisiológicos e psicológicos ao animal (Randle et al., 2017, p. 58). De modo geral, pode-se dizer que é comum que as pessoas que lidam com cavalos antropomorfizem essa relação. De acordo com Kiley-Worthington e Lea (1996), essa antropomorfização pode ser construtiva e benéfica até certo ponto, porém, não há como estabelecer parâmetros de bem-estar animal cientificamente, a não ser pelo estudo específico da etologia de cada espécie (Randle et al., 2017, p. 58).

O conceito de bem-estar animal está ligado à qualidade de vida. Considerando os aspectos como referentes a saúde, a felicidade e a longevidade, além da capacidade de adaptação do animal ao meio ambiente, sua relação com outros seres vivos, e a demonstração de comportamentos típicos (Broom, 1986; Tannenbaum, 1991).

Atualmente, a doma tradicional compreende uma série de ações realizadas para que o cavalo se submeta ao comando humano. Nos Estados Unidos, é denominada de “quebrar o cavalo”. No Brasil, possui diversas características específicas de acordo com a região. Um dos métodos mais conhecidos e difundidos é o da “doma gaúcha” (ou “campeira”), ainda praticada na atualidade, principalmente

nas zonas rurais. Segundo Dougan e Farmer Dougan, fala que “quebrar o cavalo é uma técnica associada a força:

Quebrar o cavalo tem sido uma técnica associada à força, bravura e coragem. Foi um símbolo de machismo na Ilíada de Homero, bem como no Velho Oeste Americano; o mesmo ainda é verdadeiro hoje em dia. Um domador tradicional personifica a dominância dos humanos sobre as outras espécies. Neste contexto, não é de se surpreender quando este tipo de doma é preferível a métodos mais gentis (Farmer-Dougan e Dougan, 1999, p.143).

A aplicação de punições diversas é o cerne deste tipo de doma. É comum que o cavalo, forçado a aceitar os equipamentos e o próprio humano, reaja com agressividade, tentando se livrar dos mesmos. Farmer-Dougan e Dougan (1999), e Greindl (2014, p. 12), descrevem que a utilização de tais métodos tradicionais podem levar o animal ao desamparo aprendido:

a suportar estímulos aversivos, dolorosos ou desagradáveis se torna incapaz de evitar (ou não deseja evitar) encontros posteriores com tais estímulos, mesmo que seja possível evitá-los. Presumivelmente, o organismo aprendeu que não pode controlar a situação e, portanto, não toma ações para evitar o estímulo negativo. A teoria do desamparo aprendido é a visão de que a depressão clínica e doenças mentais podem resultar de uma falta de controle percebida sobre o resultado de uma situação. Os organismos que tenham sido ineficazes e menos sensíveis na determinação das consequências do seu comportamento são definidos como tendo adquirido o desamparo aprendido (Hunziker, 1997, p. 17).

Segundo Mariana e Breda (2019), o processo dessa doma acontece da seguinte forma:

Na doma tradicional o domador monta no cavalo (vestindo botas com esporas), e então seus ajudantes retiram a venda que ocultava os olhos do animal e o libertam do palanque onde estava amarrado. O domador montado no equino, que responde com fortes sacudidas, saltos e patadas (movimento chamado: "ginetear"). Após cerca de 15-30 segundos o cansaço vence o bicho, que para de saltar e passa a obedecer às ordens de quem o monta (p.49).

Já a doma racional, conhecida como manejo natural do cavalo, doma progressiva, doma psicológica, doma natural, entre outros. No Brasil, essa doma é nomeada também de “doma americana” ou “doma paulista”, devido à sua popularidade ter se consolidado, em um primeiro momento, dentre os habitantes destes estados. Seus preceitos, de modo geral, indicam que o cavalo deve ser iniciado no treinamento equestre sendo respeitado seu comportamento natural, sem a utilização de nenhum método violento, ou capaz de infringir dor a ele. Assim como na

doma tradicional, a doma racional possui diversas etapas, desde o preparo do cavalo até a doma em si.

Também conhecida como doma doce, gentil ou natural, a doma racional está estabelecida de acordo com a lei 9.605/98, de 12 de fevereiro de 1998. Esta lei, é referente à diferentes assuntos relacionados aos animais, tais como maus tratos. É uma técnica de adestramento de equídeos com origem na Europa, que tem como fundamento condicionar os animais sem fazer uso de qualquer tipo de violência. Para se obter um bom resultado na doma racional, deve-se levar em consideração fatores essenciais tais como genética, alimentação balanceada e de boa qualidade, controle sanitário e reprodutivo, além de profissionais capacitados (SENAR, 2017).

Dessa forma, podemos perceber na atualidade uma mescla de técnicas no momento de realizar a doma de equinos, não existe uma uniformização, embora os estudos indiquem que a doma racional, com técnicas que busquem adquirir a confiança dos equinos, seja a mais adequada. Segundo Glendell:

enquanto os treinadores não tiverem uma compreensão razoável tanto da etologia da espécie, como das teorias da aprendizagem, eles não serão capazes de ter certeza que os métodos que estão usando são tão benignos quanto podem ser. Eles podem afirmar, ou assumir que estão utilizando métodos amigáveis ao cavalo, mas sem um conhecimento formal do comportamento equino, baseado no etograma do animal, tais noções permanecem meras afirmações, não fatos (Glendell, 2014, p.4).

Com isso, percebe-se a necessidade e importância do reconhecimento dessas técnicas e modos de doma pelos domadores, pois apenas tendo esse conhecimento é possível identificar se os métodos estão sendo eficazes para uma doma qualitativa. Mariana e Breda (2019) dizem que neste processo de doma, o animal não é submetido a situações traumáticas:

Ao mesmo tempo em que lhe são oferecidas carícias e outras demonstrações de afeto. Em nenhum momento o cavalo é submetido a algum tipo de dor ou medo. O equino que recebe este tipo de doma não fica traumatizado e não costuma mostrar atitudes temerosas, e por esse motivo é considerado especialmente confiável e leal para com seu dono, apresentando um caráter manso e bonachão. Em alguns tipos de doma índio o passo final, ou seja, montar sobre o cavalo é realizado dentro de uma lagoa ou rio, onde a densidade da água contém fisicamente a resistência do cavalo (p.50).

Desta forma e trazendo para o espaço do 1º RPMont, os cavalos são utilizados para inúmeros fins, sendo o policiamento ostensivo montado o principal. O preparo, doma e manejo destes animais ficam por responsabilidade da equipe da cavalaria, com todos os profissionais que a compõem, como o graduado de dia (a pessoa

responsável por coordenar o manejo e os cuidados com os serviços), as cavaliças (que executam o manejo dos equinos), a equipe de enfermeiros e veterinários. Abaixo temos exposto a estrutura organizacional do Regimento:

Quadro 1 – Estrutura Organizacional do 1º RPMont

POSTO	NOME DE GUERRA	FUNÇÃO
TEN CEL QOPM	SOARES JUNIOR	Cmt do 1º RPMont
MAJ QOPM	RAMALHO	Sub cmt do 1º RPMont e Chefe do P4
CAP QOPM	ADRIANA	Chefe P1
CAP QOPM	FONSECA	Responsável pela Escola de Equitação
CAP QOPM	MUNIZ	Chefe do P3 e P5

Fonte: dados coletados pelo pesquisador

Na cavalaria, a doma racional tem uma importância fundamental para manutenção de uma relação rígida e duradoura entre homem e animal permitindo o desempenho de atividades de patrulhamento pelos cavalos. Seguindo uma série de treinamentos teremos cavalos confiantes, prontos para servir e obedecer a ordens de maneira rápida e eficiente, melhorando sua atuação em todas as atividades necessárias. Em contrapartida a doma tradicional tende a gerar um cavalo medroso e “acuado”, extremamente propenso a adquirir vícios dos mais variados.

É relevante destacar que a PMMA há muito tempo não adquire equinos prontos (domados), eles nascem no próprio quartel ou são doados, contudo, doações não são mais realizadas, restando apenas a criação natural dos potros, dessa forma a doma é de inteira responsabilidade do 1º RPMont, que a realiza de forma totalmente heterogênea, o que foi observado durante o período de pesquisa e observação em campo.

Essas diversas formas de domar os equinos no Regimento, interferem de forma direta no trabalho e funcionamento de toda a tropa, pois alguns cavalos quando submetidos a doma racional mostram muito mais resistência que outros. Os fatores que causam isso são diversos, desde a forma que os animais foram adquiridos, quando foram iniciados o processo de doma e como essa doma acontece.

Nota-se que não há uma equipe de doma específica no regimento para realizar a doma e dar continuidade ao processo, o que interfere negativamente no

adestramento, já que para a doma racional dar os resultados esperados, é necessário exercícios contínuos e rotineiros com os equinos. Sobre isso BORGES (2015) diz que esse seguimento, a doma racional é compreendida como um processo longo de ensinar o cavalo, no entanto, com excelente aproveitamento.

Embora a doma racional seja um processo longo, ele apresenta-se como proveitoso ao ensinar os cavalos, pois é através da confiança que o animal desde jovem aprende os comandos necessários. Aprende que não precisa temer o ser humano e cria a partir de então, um vínculo muito forte com seu dono. Para muitos, o cavalo é considerado um animal inteligente e por esta razão, a doma racional parece ser o método mais indicado para iniciar a interação homem e animal.

Com base em entrevistas realizadas com o pessoal responsável pelo Regimento, foi possível ter um panorama das percepções de cada pessoa entrevistada, sobre o funcionamento do Regimento e seu entendimento e aplicabilidade ou não da doma racional nos equinos. Dos entrevistados, tivemos dois sargentos da polícia militar, o primeiro utilizaremos o codinome “S1”, o segundo “S2”, e um capitão, que será tratado aqui como “CP”, ambos estão à frente do 1º RPMont.

Quando questionados sobre o fato de os animais estarem ou não preparados para execução das atividades de tropa, o S1 diz que *“dentro do possível, considerando o baixo nível de treinamento dos animais e da tropa”*. Dentro dessa fala notamos que os meios para possibilitar um preparo qualitativo para os animais, não tem sido suficiente, uma vez que os treinamentos são poucos e a tropa não se sente preparada.

Sobre essa mesma questão, encontramos a resposta de um outro entrevistado remetendo aos equinos adequados enquanto sua genética:

Os cavalos são submetidos a tratamento, mas nem todos ficam 100%, em virtude da genética que influencia no seu comportamento. Os equinos ideais seriam o brasileiro de hipismo (BH) que é um cavalo tranquilo que não se assusta com qualquer coisa (S2).

Os cavalos presentes dentro do Regimento não possuem raça definida, o que interfere no seu condicionamento e trabalho, deixando assim para a doma uma dificuldade maior ao adequá-lo as suas atividades de policiamento.

Um outro fator que aqui pode ser considerado, são os vícios desenvolvidos por estes animais. LEWIS (2000) diz que quando um comportamento indesejável e inútil torna-se um mau hábito persistente e repetitivo, ele é chamado de comportamento estereotipado ou vício. Estes vícios acontecem devido a não continuidade da doma,

sendo o animal iniciado e logo após a doma ser descontinuada, ficando parados por muito tempo por falta de demanda de policiamento. O ideal aqui, seria a montaria não apenas em dias de policiamentos e uma equipe que possa corrigir esses possíveis vícios.

O bem-estar do animal perpassa por vários pontos que diz respeito a manter a saúde, uma dieta balanceada e exercícios, mas muitas vezes o que ele está precisando não é somente aquilo que está sendo oferecido, então deve-se ter cuidado na hora de avaliar o estado comportamental do animal, pois as estereotipias podem trazer-lhe danos, em relação ao seu rendimento seja reprodutivo, esportivo ou na sua saúde (TADICH e A ARAYA, 2010).

LEWIS (2000) diz que quanto maiores e mais rápidas forem as restrições de liberdade, o isolamento, a diminuição no exercício e a duração do consumo de alimentos, maior será o risco de desenvolvimento e mais alta será a incidência dos vícios. O ideal neste caso, é a montaria não apenas em dias de policiamentos, mas em dias alternativos da semana para que os animais façam a prática destes exercícios e quando estiverem em rua estejam mais adaptados e preparados. É interessante também que a equipe responsável seja bem preparada e tenha bom conhecimento, pois como já informado, são inúmeros os motivos dos equinos adquirirem vícios.

Dentro desta linha de pensamento, outro tema questionado aos entrevistados faz referência aos principais problemas identificados quanto aos equinos do Regimento. Como resposta encontramos pontos a respeito do embarque dos animais para o transporte, sensibilidade ao barulho, animais que se assustam fácil e outros que apresentam estranheza a estímulos a exemplo: uso de faixas, som de sacola, poças de água etc.

Todos apontam situações sobre como os animais reagem a estímulos que não são comuns em sua rotina, onde muitos são assustados e apresentam dificuldades a estímulos externos espantando-se sempre quando deparam-se com situações não comuns para si. Esse tipo de comportamento é muito comum dentro do processo de doma, o que demonstra os pontos que precisam ser trabalhados com os animais, estimulando-os a se adaptarem a situações adversas. BORGES (2015) ressalva que os equinos são animais muito assustados, embora grandes.

Quando indagados sobre o tipo de doma que os entrevistados tinham conhecimento e aplicavam, todas as respostas fizeram referência a doma racional.

A respeito da capacitação e cursos, todos confirmam que já fizeram cursos, aperfeiçoamento sobre doma e aplicabilidade nos animais em cursos on-line, presenciais e por meio de vídeos explicativos que por iniciativa própria vão atrás.

Sobre os processos da doma racional, os entrevistados divergiram sobre a sua importância e utilização:

A doma racional só vem somar no quesito desempenho dos equinos, sendo uma ferramenta essencial nos dias de hoje, até para se cumprir a legislação sobre o bem-estar do animal (S1).

Bem, a doma racional é o melhor método para iniciar um cavalo. Você não amansa o cavalo, você o conquista, e ele lhe tem como um líder, isso faz com que você tenha uma relação de amizade como um amigo de trabalho (S2). Entendo que um trabalho que exige paciência onde o domador deve através do trabalho (rodar na guia, etc), consegue que o animal se submeta a ele gradativamente e apresentando os demais estímulos ao animal (CP).

É possível notar nestas três falas o entendimento sobre o processo de doma racional. O S2 diz que “*o domador não amansa o cavalo, ele conquista*” e isso faz com que ambos tenham uma “*relação de amizade*”. Sobre essa questão, Moraes (2016) diz que a doma trabalha com amor e respeito e possibilita ao domador ganhar a confiança do animal ao respeitar seu limite e diminuir seu estresse.

A doma não é apenas o ato de submeter o animal, essa ideia foi ultrapassada e o que se busca é uma relação estreita entre o domador/cavaleiro e o cavalo.

Outro tema questionado foi sobre os equinos melhorarem em sua desenvoltura a partir da doma racional, como resposta encontramos de todos a afirmativa de acreditar no progresso dos animais, pois com esse tipo de doma os animais confiam mais em seu líder.

Com o exposto neste capítulo, verificamos as várias formas de domar os equinos, onde na doma racional o enfoque é no processo de adestramento e socialização provida de confiança gerada entre o equídeo e o domador, e com essa iniciativa é possível reduzir riscos de acidentes, tornando a técnica mais vantajosa quando comparada à doma tradicional. Já a doma tradicional é iniciada de maneira desconfortável e agressiva em que o animal é laçado e derrubado, sendo suas orelhas e rabos torcidos como um instrumento de contenção. O animal coloca a cabeça rente ao esteio e recebe a embocadura de forma ríspida e seus olhos são tapados a fim de mantê-los calmo para que ele receba a manta e a sela que muitas geram extremo desconforto e provocam medo e insegurança ao animal (SENAR, 2017).

A partir da doma tradicional os equinos sofrem diferentes traumas físicos e psicológicos pela manipulação inadequada do homem, enquanto na doma racional, tem-se um cavalo tranquilo, amansado e ensinado a partir de esquemas de recompensas com carinho e gestos.

Dessa maneira, é perceptível que na atual conjuntura do 1º Regimento de Polícia Montada do Maranhão, há um entendimento e uso da doma racional no processo de domesticação dos equinos, o que não há é correta aplicação dela, faltando mais técnica e prática, principalmente devido a carência de efetivo e a alta demanda de serviço que dificulta a continuidade da doma para alguns equinos e trabalho de montaria para os militares do regimento. Portanto equipe compreende e entende os preceitos e importância desse tipo de doma, porém não há a adequada aplicação, por não haver uma equipe de doma fixa devido a carência de efetivo.

3 A FUNCIONALIDADE DO MANEJO DENTRO DO 1º REGIMENTO DE POLÍCIA MONTADA

Com o advento da lei do Bem-Estar Animal (BEA), cuidados com os animais e mais especificamente com equinos, que são animais extremamente sensíveis, tornou-se pauta de grande repercussão no meio rural. Segundo Senar (2017, p. 13):

O bem-estar animal, quando aplicado aos equídeos nas propriedades rurais, toma como base os cuidados de higiene e segurança, adotando-se medidas preventivas como calendário de vacinação, vermifugação e de higienização do animal e do local de seu manejo. Busca-se evitar, em todas as instalações, a presença de objetos pontudos, arames ou farpas (pontas finas de madeira), além de evitar o acúmulo de lixo que possa ferir o animal. O BEA visa respeitar, acima de tudo, o convívio em liberdade na maior parte do tempo, principalmente com a presença de outros animais, evitando assim o seu isolamento.

Um fator que está intimamente relacionado com o bem-estar animal, trata-se do manejo. Boas práticas no trato animal, são de fundamental importância quando se refere a minimizar problemas de saúde e comportamentos. No 1º RPMont, após a adoção de algumas boas práticas de manejo animal, como por exemplo, o manejo alimentar adequado, casqueamento e ferrageamento regular, manutenção dos animais na maior parte do tempo nos poteiros, livres; diminuiu significativamente a incidência de algumas enfermidades, como a cólica equina e a laminite, além dos vícios de baia.

Segundo o Manual de bem-estar em animais de emprego militar:

Os animais militares, diferentemente daqueles de estimação e esporte, possuem o agravante da função imposta, uma vez que são submetidos a intensos treinamentos, rotina sistematizada, confinamento e o trabalho militar em si, que envolve patrulhas, operações de Garantia da Lei e da Ordem e outras situações que podem induzir estresse, com possível desequilíbrio no ritmo circadiano do cortisol (BRASIL, 2020, p.12).

Segundo Silva (2014), para manter os equinos em plenas condições fisiológicas e ainda garantir o bem-estar e qualidade de vida, as necessidades não somente físicas, mas também mentais destes, devem ser respeitadas e aceitas.

Hodiernamente, tem-se buscado formas diretas e indiretas de avaliação do bem-estar de diferentes espécies animais por meio de indicadores, sendo eles classificados em dois: físico-comportamentais (diretos) e ambientais (indiretos). Esses indicadores levam em consideração aspectos que vão além das necessidades fundamentais do animal para uma vida regular e saudável (SILVA, 2014).

A avaliação dos procedimentos e práticas com relação aos cavalos. Para um bom grau de bem-estar, o manejo geral deve minimizar situações de estresse, medo e riscos de lesões e injúrias aos animais, devendo:

- Limitar o tempo diário de exercícios ou trabalho;
- Aumentar o tempo diário de liberdade;
- Utilizar medicamentos para controle de dor, em caso de procedimentos dolorosos;
- Inspecionar com frequência os animais;
- Manter frequência de casqueamento/ferrageamento;
- Manter frequência de inspeção dos cascos dos animais. (BRASIL, 2017, p. 42).

O objetivo pelo qual o cavalo é mantido determina as atividades e as práticas de manejo aos quais ele está submetido. Desta forma, seu uso pode influenciar diretamente o seu grau de bem-estar (LEME et al., 2014).

Outrossim, para ser melhor estudado e compreendido, o manejo animal pode ser subdividido em seguimentos que serão abordados e especificados nas subseções a seguir.

3.1 Manejo Sanitário

Para Cintra (2011), o manejo sanitário de um rebanho é um conjunto de medidas que tem por objetivo prevenir doenças e males que possam vir a prejudicar

a saúde dos animais, para assim potencializar ao máximo os ganhos nutricionais e consequentemente aumento na produção e produtividade do plantel em questão.

Ademais, para Oliveira (2012), o manejo sanitário tem como propósito evitar a contágio de doenças aos equinos do rebanho, controlar e/ou impedir o acometimento por novos casos de doenças já existentes, no local ou região e controlar os efeitos da doença. O controle a níveis esperados contribui positivamente no desempenho animal, independente da sua designação.

Para Breda (2020) “podemos dividir o manejo sanitário basicamente em quatro partes: controle de endoparasitas; controle de ectoparasitas; controle de anemia infecciosa equina e controle de doenças através da vacinação”.

Os endoparasitas, que também são chamados corriqueiramente de "vermes", são considerados como um dos principais causadores de doenças como cólica e anemia, provocam lesões em diversos órgãos provocando doenças secundárias, além de acarretar a estagnação do desenvolvimento e performance dos equinos. Em casos extremos, pode levar o animal à morte (VARGAS, 2017).

Ainda segundo Vargas (2017) o controle de endoparasitas pode ser realizado por meio da administração de medicamentos chamados vermífugos, que deve desempenhar ação de intensidade rápida e prolongada, como características, deve ser atóxico, para não causar outros prejuízos à saúde do animal; de boa palatabilidade e não abortivo. Deve ainda, ser efetivo em todas as formas parasitárias (larvas e vermes desenvolvidos). Dentre os principais produtos utilizados, os que levam princípios ativos como a Moxidectina, Ivermectina, e a Ivermectina associada ao Praziquantel são os que possuem maior eficácia. O intervalo entre doses administradas ao animal deve ser de acordo com as orientações do fabricante.

Atualmente, a divisão veterinária do 1º RPMONT da PMMA realiza cronograma de vermifugação regularmente nos animais do seu plantel.

Figura 01: Cronograma de vermifugação dos equinos do 1º RPMONT



Fonte: Divisão Veterinária 1º RPMONT

Já os ectoparasitas, são aqueles que ficam fixados na pele ou sob a pele do animal, considerado hospedeiro. Os principais parasitas externos que acometem os equinos são: o carrapato (*Ixodoidea ssp.*), a mosca berneira (*Dermatobia hominis*), a mosca varejeira (*Cochliomyia hominivorax*) e a mosca do estábulo (*Stomoxys calcitrans*) (VARGAS, 2017).

Segundo Breda (2020, p. 14):

Um dos principais ectoparasitas considerados importantes dentro de um bom manejo sanitário são os carrapatos que devem ser eliminados através de carrapaticidas tanto no ambiente quanto no animal; já os bernes não são muito comuns em equinos, mas foram observados muitos casos deste parasita em cavalos devido à falta de higiene próximo ao local mantido o equino; A miíase é prevenida através de limpeza e assepsia correta dos ferimentos; como também ocorre com habronemose onde ocorre uma proliferação muito intensa de um tecido granuloso que não cicatriza.

Dessa forma, o controle de ectoparasitas deve ser feito tanto no ambiente, quanto diretamente no animal, por esse motivo os animais devem ser mantidos em boas condições de higiene, as instalações devem ser limpas frequentemente e em caso de infestações de ectoparasitas o ambiente deve ser dedetizado.

A Anemia Infecciosa Equina (AIE) trata-se de uma doença viral que acomete todos os membros da família dos Equídeos. Todas as raças e idades são predispostas, porém, animais subnutridos, parasitados e debilitados têm maior propensão a serem infectados. A AIE é causada por um retrovírus que está relacionado ao vírus da imunodeficiência humana, bovina e felina (SANTOS e CORREIA, 2007).

A contaminação segundo Cicco (2007), se dá através de insetos sugadores (moscas e mosquitos). Além disso já foram comprovadas as transmissões congênitas (placentária), pelo leite (aleitamento), pelo sêmen (acasalamento) e pelo soro-imune. As mucosas nasal e oral, são por onde o vírus entra no organismo do animal. O uso sem assepsia de material cirúrgico, por pessoas não-habilitadas, também aumenta a probabilidade da infestação. O animal, uma vez infectado, torna-se portador permanente.

Na prevenção é recomendado que os equinos infectados, sejam sacrificados de forma humanitária, porque mesmo os portadores clinicamente normais são reservatórios da doença, e devem ser separados por, pelo menos, 200 jardas de equinos sadios. Deve ser praticado um rígido controle de insetos para impedir a transmissão da doença. Faz-se necessário atenção rigorosa ao controle de agulhas, seringas e instrumentos cirúrgicos contaminados (OLGILVE 2000).

Por fim, o controle de doenças através da vacinação deve ser realizado regularmente e rigorosamente. Para Oliveira (2007, p. 2):

Os programas de vacinação devem ser preferencialmente adaptados a situação e em particular as doenças endêmicas e o destino dos animais. Deste modo, um programa de vacinação contra uma doença consiste na primovacinação (conjuntos das duas primeiras injeções com intervalos de algumas semanas) seguida das vacinações periódicas (semestrais, anuais ou a cada dois anos, conforme a doença em questão). Independente do programa de vacinação usado, todos os equinos de uma propriedade devem estar nos mesmos programas e esquemas, sempre que possível. Isso maximiza a imunidade do plantel, protegendo aqueles animais que tiverem resposta vacinal baixa.

O programa de vacinação deve variar de acordo com a finalidade da criação e o ambiente onde o animal vive e só o médico veterinário é o profissional habilitado para montar o cronograma de vacinação, assim como aplicá-las.

Figura 02: Cronograma de vacinação equinos 1º RPMONT



Protocolo Vacinal para Equinos				
ADULTOS				
VACINA	COBERTURA	DOSE	APLICAÇÃO	INTERVALO
LEXINGTON 8®	Encefalomielite; Rinopneumonite; Influenza; Tétano.	3 ml	Intramuscular	Revacinação semestral
Rabimune®	Raiva	2 ml	Intramuscular ou Subcutânea	Revacinação anual
Garrotlho-Ceva®	Streptococcus equi	2 ml	Intramuscular	Revacinação anual
Leptoexquis®	Leptospirose	2 ml	Intramuscular	Revacinação semestral
Pneumabort E+TB®	Herpesvírus equino (EHV-1)	2 ml	Intramuscular	Revacinação semestral
POTROS				
Garrotlho-Ceva® Leptoexquis® LEXINGTON 8® Rabimune®	3 doses da vacina com intervalos de 2 a 4 semanas por via intramuscular.			
	1 dose a partir de 3 meses de idade e 1 dose de reforço 30 dias após.			
FÊMEAS REPRODUTORAS				
LEXINGTON 8® Pneumabort E+TB®	Reforço de dose no 5º, 7º e 9º mês de gestação.			

Fonte: Divisão Veterinária 1º RPMONT

Conforme é possível observar na imagem acima, a Divisão veterinária do 1º RPMONT possui um cronograma vacinal, que é seguido rigorosamente e faz parte do protocolo de manejo sanitário dos equinos da PMMA.

3.2 Manejo Reprodutivo

Os projetos reprodutivos, tem por base o planejamento de profissionais especializados, que tem como objetivo principal controlar e acompanhar o ciclo estral das éguas. Esse ciclo pode estar, muitas vezes, relacionado às estações do ano e dias com mais ou menos luz, sendo possível ao homem interferir, por meio de diferentes tecnologias, neste processo. Faz-se necessário também, monitorar a capacidade reprodutiva dos garanhões, por meio de diferentes exames. O manejo reprodutivo pode contar ainda com outras técnicas, como a inseminação artificial e transferência de embriões, que tem ganhado espaço nos últimos anos, trazendo muitos benefícios à reprodução equina (ESCOLA DO CAVALO, 2019).

O sucesso na reprodução equina depende de um pleno conhecimento da anatomia reprodutiva, fisiologia, endocrinologia, conduta de criação e prevenção de

doenças, o domínio da eficiência reprodutiva serve como suporte. Ter essa compreensão faz com que a identificação do desempenho anormal seja muito mais fácil (LEY, 2004).

Segundo Borges (2015, p. 33), machos e fêmeas ideais para reprodução deveriam apresentar as seguintes especificações:

O garanhão ideal seria aquele com três anos ou mais, com bom temperamento, saudável, com aparelho reprodutor funcional, apresentando sêmen de qualidade (análise quantitativa e qualitativa), boa genética e morfologia e com bom desempenho competitivo. A égua ideal entraria na reprodução a partir dos três aos cinco anos, tendo de preferência 18 anos no máximo, saudável, aparelho reprodutor funcional e boa conformação de vulva, boa habilidade materna, boa genética e morfologia e bom desempenho competitivo.

Nos machos, o comportamento sexual é determinado por dois parâmetros: libido e capacidade de serviço. A libido caracteriza-se pela vontade do macho em montar e copular a fêmea, já a capacidade de serviço define-se pela habilidade de montar a fêmea e finalizar a cópula. Estes parâmetros podem ser influenciados pela raça, idade, sanidade e níveis hormonais do animal, bem como pelo seu status social em algumas espécies (SOUZA et al., 2009).

Semelhante aos machos, as fêmeas deixam os seus grupos de origem quando atingem a maturidade sexual, e se unem em grupo de fêmeas aptas à reprodução, até que sejam cobertas por um garanhão (SUSAN, 2011). Algumas fêmeas maduras, já pertencentes a um harém também podem formar um grupo de “solteiras” fora do período reprodutivo e retornar ao seu harém quando entrar novamente na estação reprodutiva (TAROUCO, 2004)

Existem três tipos de monta, o primeiro é a monta à campo, na qual o garanhão deve ser mantido com um grupo de 15 a 25 éguas, e devem permanecer juntos durante todo período da estação de monta, devendo ser avaliados também o controle sanitário, risco de acidentes e exaustão do macho. Já na monta controlada em piquete são colocados uma égua com um garanhão juntos em um piquete, onde é possível controlar a cobertura; a única exigência é que os animais não sejam muito agressivos. Já na monta dirigida, a fêmea é preparada para a monta, sendo o macho levado até a égua para realização da cobertura (MCDONNELL, 2000).

3.3 Manejo Alimentar

O equino está destinado a diversos papéis, tendo uma exigência para cada categoria; do cavalo de corrida é esperada velocidade, do cavalo de esporte, força; do reprodutor, espera-se boa fecundidade, do cavalo destinado ao matadouro, busca-se um rápido desenvolvimento. Em quase todas as raças, o comum é produzir animais mais fortes, precoces e mais versáteis. Seja qual for a anatomia e finalidade, o cavalo tem como qualquer outro ser vivo necessidade de encontrar em sua alimentação os nutrientes necessários ao seu crescimento, manutenção e trabalho. Para ser completo, no entanto, o alimento deve conter não apenas os nutrientes básicos necessários, como também esses devem estar em perfeito equilíbrio. Entretanto, poucos estudos a respeito da nutrição e do manejo alimentar dos equinos são verificados na literatura científica, sendo ainda menor esse número quando relacionado às condições específicas do país (MORETINI et al, 2004).

Segundo Breda (2020, p. 4), a dieta básica dos equinos deve conter os seguintes nutrientes:

A quantidade necessária de água que os cavalos necessitam depende da temperatura, da quantidade de exercício, da alimentação e da idade. Um potro por exemplo, tem na sua constituição aproximadamente 80% de água, no cavalo adulto a porcentagem fica entre 50% a 60%.

Nos cereais são encontrados o amido que possui hidratos de carbono que é essencial na dieta equina. Já o açúcar está presente em todos os alimentos, principalmente no melaço e erva fresca; e em alguns componentes das fibras. Os óleos e gorduras são encontrados em pequenas quantidades na maioria dos alimentos comerciais e é geralmente acrescentado à dieta do cavalo como óleo vegetal, que contém duas vezes e meia mais energia do que os hidratos de carbono, sendo assim fontes de energia mais concentrada.

Um dos principais nutrientes na dieta do cavalo são as fibras que são encontradas em todos os alimentos, mas principalmente na erva, no feno e na palha.

As proteínas presentes nos alimentos quando decompostas dão origem aos aminoácidos, essenciais no crescimento, gravidez, produção de leite e na reparação de tecidos.

Já os minerais mais importantes são o cálcio e o fósforo, com relação de aproximadamente uma parte e meia de cálcio para uma parte de fósforo. Outros principais são o magnésio, o sódio, o cloro e o potássio. Já o cobre, o ferro, o manganês, o selênio e o zinco são minerais secundários.

As principais vitaminas que ajudam a controlar as reações químicas são A, D, E, K e o grupo B. Além de alimentos verdes que também são ótimas fontes de vitaminas.

Cintra (2011) afirma que, na alimentação rotineira dos equinos deve ser respeitado sempre o mesmo horário para fornecimento dos alimentos, pois segundo Durham (2009), modificar seus hábitos rotineiros pode causar estresse nesses

animais e consequentemente o aparecimento de distúrbios gastrointestinais, como por exemplo a cólica equina.

Para Cintra (2011), o limite de ração concentrada por refeição é de 2,5 Kg por refeição, sendo ideais 1,5 a 2,0kg, devendo ser dividida no mínimo em três fornecimentos ao longo do dia, para evitar quadro de cólicas nos animais. Por outro lado, conforme NRC (1989), o volume de alimentos ingeridos por dia, pode variar de 1,5 até 3,5% do peso vivo, dependendo da idade, da categoria animal e do trabalho executado.

Figura 03: Planejamento alimentar dos equinos do 1º RPMONT

<u>Planejamento Alimentar</u>						
Período: A partir de 17/01/2022 (Segunda-feira).						
Horário	06:00h	09:00h	12:00h	15:00h	18:00h	21:00h
Alimento	Feno	Capim cortado	Ração + Sal Mineral	Capim cortado	Ração	Feno
Quantidade	2,0kg	11,25kg (1,5 balde preto)	Ração: 2,5kg	11,25kg (1,5 balde preto)	2,5kg	2,0kg
*Misturar 100g de sal mineral na paga de ração de 12h, individualmente para cada animal. **Seguir de forma pontual os horários acima. ***O capim deve ser triturado na forrageira, sendo dispensado em casos de força maior.						

Fonte: Divisão veterinária 1ºRPMONT

Na imagem acima é possível identificar que o no 1ºRPMont os equinos têm uma alimentação rica em concentrado e balanceada seguindo o recomendado pelos especialistas já citados.

O fornecimento de alimentos volumosos são fundamentais para os equinos, tanto pelo fato de serem herbívoros quanto pelo alto teor de fibras, o que provoca melhora da digestibilidade e do trânsito alimentar ao longo do trato gastrointestinal (ANDRADE, 2018). Ademais, os alimentos concentrados fornecem alta concentração de energia para o animal, eles nunca devem compor mais da metade do peso total da refeição ingerida pelo cavalo (LEWIS, 1985).

O bem-estar animal está diretamente ligado à sua alimentação. Quando é oferecida alimentação de baixa quantidade ou uma dieta sem o devido balanço de

componentes, pode provocar ao equino um baixo grau de bem-estar e doenças subsequentes (BROOM e FRASER, 2010).

3.4 Manejo Geral dos Potros

Os cuidados no manejo do potro devem começar antes mesmo do seu nascimento, sendo fundamental uma alimentação adequada na gestação, para o pleno desenvolvimento do filhote. A partir do momento do nascimento alguns cuidados específicos devem ser tomados, Brasil (2017) pontua que éguas devem parir em local seguro e depois devem ser mantidas com seus filhotes em um piquete maternidade. Além disso, serão manejadas de maneira que seus potros fiquem em segurança. Mães e potros devem permanecer sempre juntos até o desmame, ambos inseridos em um grupo com outras éguas e suas crias. Caso ocorra, em decorrência de alguma circunstância, a separação temporária ou mesmo o desmame precoce (antes dos oito meses do potro) isso pode diminuir o bem-estar de ambos e comprometer o comportamento futuro do potro com relação a outros cavalos e ao ser humano.

Ainda segundo Brasil (2017, p. 38):

Potros devem ser desmamados em grupo. Preferencialmente permanecendo juntos a cavalos adultos que lhes são conhecidos, que são calmos e tranquilos. Estes adultos servirão de “padrinhos”, auxiliando no aprendizado e passando segurança aos potros. Também é importante que os potros permaneçam em ambiente já conhecido, recomendamos que no desmame as mães sejam removidas para outro piquete. Este tipo de manejo aumenta o grau de bem-estar dos potros. Potros e potras podem ficar juntos no grupo de desmame até 12 a 16 meses, depois separados em grupos de acordo com o sexo. As fêmeas se juntam às outras éguas e os machos inteiros isolados, em grupo, dos demais animais. Machos inteiros que permanecem juntos após o desmame, ficam acostumados com o manejo em grupo e possuem maior grau de bem-estar que cavalos mantidos isolados.

As exigências nutricionais dos potros poderão ser atendidas, apenas pelo aleitamento materno, até os três meses de idade. A partir dessa fase, o leite já não será suficiente para suprir as necessidades nutricionais do animal. Com base nisto, a alimentação do potro deverá ser suplementada, visando fornecer nutrientes suficientes para suas metas nutricionais. Em alguns casos, a partir do segundo mês de vida, criadores começam a fornecer rações específicas para os animais, de forma que eles comecem a se adaptar à suplementação que irão receber a partir do terceiro mês de vida (FRAPE, 2016)

Alguns cuidados essenciais devem ser tomados imediatamente ao momento de nascimento dos potros. Breda (2020) afirma que logo após o nascimento, a égua irá limpar o potro e estimulá-lo a ficar de pé, além disso, pontua que é de fundamental importância o recém-nascido tomar o colostro entre 30 minutos e uma hora e meia após o nascimento, caso não consiga se levantar ou não procure as tetas da mãe precisará de acompanhamento de uma pessoa para ajudar no manejo. A ingestão do colostro, quanto o mais breve possível, será vital para o desenvolvimento do seu sistema imunológico.

Ainda com Breda (2020, p. 33), outros dois acontecimentos de extrema importância logo após o nascimento, configura-se pelo tratamento do umbigo e eliminação do mecônio:

O tratamento do umbigo é essencial e deve ser feito nas primeiras horas de vida. O rompimento do cordão umbilical pode ocorrer naturalmente ou com intervenção do homem, tendo após a ruptura o tratamento do coto, passando-se produtos antissépticos (iodo à 10%) para que ocorra a total desinfecção e não seja um meio de contaminação para o potro. Aconselha-se a realização da antisepsia com o potro levantado, evitando assim o iodo escorrer e causar lesões na pele do animal. Outra fase de extrema importância para o potro é a eliminação do mecônio, ela é induzida pela primeira mamada e ocorre nas primeiras 3 horas após o parto, continuando por mais 2 ou 3 dias. O mecônio é uma substância marrom-esverdeada, oriunda do consumo fetal do líquido amniótico e secreções acumuladas no intestino do mesmo. Após ter feito estes cuidados iniciais, é necessário relocalar a mãe e o potro para um piquete maternidade, até que o potro complete 7 a 10 dias de nascimento. Após eles deverão ser relocados para um piquete com contato com outros equinos, adaptando-o a socialização. Deve haver monitoramento constante para garantir alimentação adequada, manejo e saúde dos potros.

No que diz respeito ao manejo sanitário dos potros, inicia-se efetivamente aos 30 dias com a primeira vermifugação, repetindo a cada 60 dias até 12 meses de idade. A partir dos 4 (quatro) meses inicia-se o calendário de vacinação, prevenindo contra doenças de notificação obrigatória, zoonoses e outras exclusivas da espécie, as quais desvalorizam o animal (TORRES e JARDIM, 1981).

Destarte, o manejo adequado da alimentação e cuidados pós-parto, de potros em fase de crescimento, mostra-se de fundamental relevância para o pleno desenvolvimento desses animais à fase adulta, podendo afetar diretamente características físicas e comportamentais destes.

4 EXECUÇÃO DO PROCESSO DE DOMA RACIONAL E PREPARAÇÃO DOS POTROS PARA O POLICIAMENTO

Neste capítulo, buscaremos apresentar o passo a passo do processo de doma racional, com base nos equipamentos utilizados e manuseio dos animais. As informações encontradas aqui foram produzidas e coletadas baseando-se em experiências vivenciadas na doma de equinos no 1º RPMont.

4.1 Iniciação do potro na doma

O início da doma racional começa aos dois anos de idade, época em que ocorre o fechamento das placas epifisárias na maioria dos equinos (GODOY et al., 2004). Antes de iniciar um potro ou cavalo xucro (não domado) na doma, é interessante entender a natureza e o comportamento do animal, pois assim como os seres humanos cada cavalo possui um temperamento distinto e podem reagir de diferentes maneiras a doma; alguns são mais doces e aceitam melhor os equipamentos e a montaria, outros levam mais tempo para se acostumarem com o processo de doma, o que ressalva a importância do conhecimento sobre etologia equina na doma racional, como podemos ver no seguinte trecho:

Para entender melhor sobre os princípios da doma racional devemos primeiro saber sobre o comportamento dos cavalos e sua convivência social. Os cavalos são animais predados, e por esta razão sua anatomia, fisiologia e comportamento estão perfeitamente adaptados a proteger sua vida do ataque dos predadores. O mais importante para um cavalo é sobreviver a cada dia, e isto determina seu modo de ser e pensar. Como são animais predados, eles não atacam nem matam para comer, e dependem de sua velocidade para fugir e sobreviver. Esta capacidade de fuga que eles desenvolveram durante milhões de anos é uma de suas habilidades que os permitiu sobreviver e chegar até os dias de hoje (JAYME, D. G.; JAYME, C. G., 2017, p.03).

Desta forma é interessante destacar que devido ao fato de o cavalo ser uma presa na natureza ele possui alguns pontos de sensibilidade em seu corpo os quais ele, de início, não permite contato, é aí que entra o primeiro passo da doma racional, que é o processo de aproximação e dessensibilização. Para isso é necessário uso de um *buçal* feito de uma corda resistente de 10 metros de comprimento, com largura 12 milímetros, como podemos ver na figura abaixo:

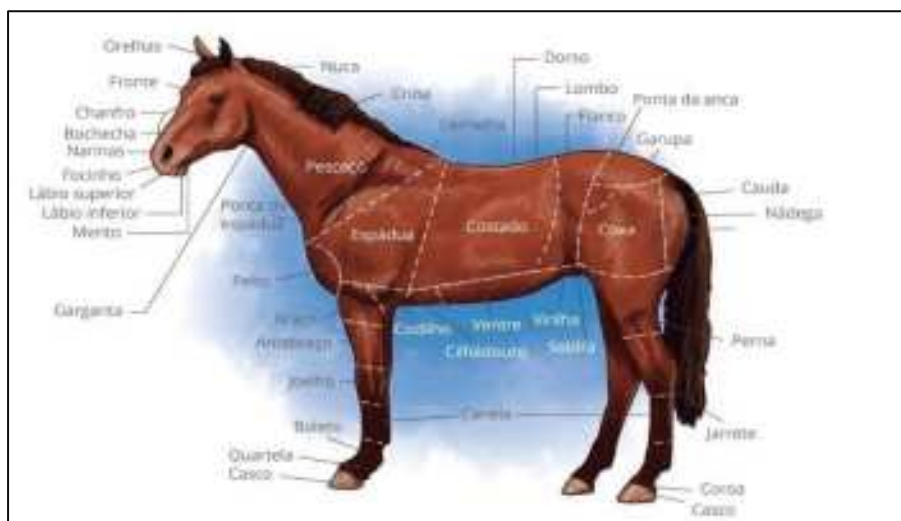
Figura 4 – Buçal de corda



Fonte: google

Vale ressaltar que os pontos mais sensíveis do cavalo são, virilha, dorso, garupa, codilho, nuca orelhas, calda, e nádegas, que podem ser identificadas na seguinte imagem:

Figura 5 – Anatomia equina



Fonte: google

De acordo com a coleção SENAR (2017, p.43), o início da doma, que é a doma no chão, é a fase desenvolvida para conquistar a confiança e respeito do animal. Para isso, há um conjunto de conhecimentos que devem ser desenvolvidos em solo antes

de realizar a montaria. Os dois primeiros procedimentos são aproximação, cabrestamento e posteriormente o trabalho de guia.

A aproximação é a primeira e mais importante etapa, pois ela fará com que o domador conquiste a confiança do animal, adotando um comportamento de amizade e liderança, ela é uma técnica baseada nos instintos naturais do equídeo, fazendo com que ele adquira confiança no domador. O redondel é o melhor local para se aproximar de um animal *xucro*, desta forma o domador deve posicionar-se no centro do redondel de onde comandará todo o exercício, como mostra a figura abaixo:

Figura 6 – Aproximação parte 1



Fonte: coleção SENAR,2017

O domador deve posicionar-se atrás da garupa do animal, sempre na diagonal, porém não muito próximo, já que o cavalo encontra-se em início de doma, podendo se assustar facilmente e reagir. Ele deve olhar nos olhos do animal fazendo com que ele ande em círculos ao seu redor, podendo ser utilizado um chicote de guia ou uma corda para arremessar em direção à garupa do animal, estimulando a sua locomoção. É importante lembrar que o domador deve ter cuidado para não atingir o animal com o chicote de guia ou a corda, de forma a gerar algum trauma neste. Observe a imagem:

Figura 7 – Aproximação parte 2



Fonte: coleção SENAR, 2017.

Ao longo desse processo o animal emitirá diversos sinais que devem ser observados bem pelo domador, dentre eles temos o sinal de atenção que ocorre quando o animal, levanta uma das orelhas (direita ou esquerda) em direção ao domador durante sua movimentação no redondel, nesse momento o domador deve retirar o foco do olho do animal, desviando o olhar. Essa ação transmitirá ao animal maior confiança, fazendo com que ele diminua a sua velocidade.

Em continuidade ao exercício, o próximo sinal é o de confiança, que ocorre quando o animal começa a andar mais próximo do domador e com menor velocidade, em seguida vem o sinal de relaxamento que acontece quando o animal lambe os lábios e parece estar mastigando, por último vem o sinal de relaxamento que ocorre quando o animal baixa a cabeça aproximando-a do chão e ainda andando em círculos. neste momento, o domador para de se movimentar e emite algum sinal sonoro para fazer o cavalo parar e a partir daí inicia-se a aproximação em si, na qual o domador deve agachar-se diminuindo sua silhueta e chamar o animal para perto de si, como mostra a seguinte imagem:

Figura 8 – aproximação parte 3



Fonte: coleção SENAR,2017.

Após todo esse processo dar-se-á início ao processo de *cabrestamento*, que nada mais é que acostumar o equino com o uso do *buçal*, para que o indivíduo possa locomover o animal e dar início ao processo de *dsscensibilização* deste.

Para realizar esse processo é importante o animal estar contido dentro de uma baia ou redondel, dessa forma o domador irá aproximar-se do animal e passar a corda pelo pescoço e pelo chanfro do cavalo ou égua, para que ele se acostume com a pressão do *buçal*. Abaixo as imagens exemplificando:

Figura 9 – Cabrestamento parte 1



Fonte: compilação do autor,2022.

Figura 10 – Cabrestamento parte 2



Fonte: compilação do autor,2022.

Posteriormente o domador deve, de forma cautelosa encaixar o buçal na cabeça do equino, passando pelo chanfro e por debaixo da boca e depois encaixando detrás das orelhas na região do cachaço, como mostrado abaixo:

Figura 11 – Cabresteamento parte 3



Fonte: compilação do autor, 2022.

Figura 12 – Cabresteamento parte 4



Fonte: compilação do autor, 2022.

Por fim o domador deve fazer uma leve pressão, puxando o cavalo em direção a si, e sempre que o animal se locomover o domador deve ceder à pressão para que o animal entenda que ele deve se locomover ao comando do domador. E, na hora da condução, é importante o domador manter-se lateral ao cavalo com uma distância de um braço a fim de resguardar sua segurança, caso o equino tenha alguma reação indesejada:

Figura 13 – Cabresteamento parte 5



Fonte: compilação do autor, 2022.

Quando o equino se acostumar com o *buçal*, a próxima etapa é a dessensibilização, essa deve ser realizado com cautela e segurança pois durante o processo tirar a sensibilidade do animal ele reage de forma enérgica para se livrar daquele incomodo. Essa etapa é bastante cansativa e deve ser feita em um local aberto, para evitar acidentes tanto com o domador quanto com o equino.

O primeiro passo é tirar a sensibilidade do dorso e codilho, fazendo uma volta com a corda nessa área e exercendo pressão para simular a barrigueira e a cela que serão postas no animal em seu primeiro encilhamento, como mostra a figura abaixo:

Figura 14 – Descensibilização parte 1



Fonte: compilação do autor, 2022.

Nesse processo, a reação mais comum do cavalo é empinar para se livrar do atrito da corda, por isso o domador deve sempre manter uma distância segura do animal e continuar até ele parar de reagir. Após isso, vem a dessensibilização da virilha e da garupa, o processo na virilha é semelhante ao realizado no dorso, contudo essa região é mais delicada e fará com que o animal reaja mais dando coices, assim, o cuidado do domador deve ser redobrado, como apresentado nas imagens abaixo:

Figura 15 – dessensibilização parte 2

Fonte: compilação do autor, 2022.

Figura 16 – dessensibilização parte 3

Fonte: compilação do autor, 2022.

Por fim, a parte mais delicada desse processo é tirar a sensibilidade dos pés e mãos do animal, para que possa ser feito o casqueamento e ferrageamento, nessa fase o domador deve ser muito cauteloso e paciente, pois ele estará em contato direto com o equino e em uma posição vulnerável, por isso deve ir com bastante calma e observar os sinais do animal:

Figura 17 – Dessensibilização parte 4

Fonte: compilação do autor, 2022.

Figura 18 – Dessensibilização parte 5

Fonte: compilação do autor, 2022.

O próximo passo no processo de doma é, indubitavelmente, um dos mais importantes na preparação do equino, trata-se do trabalho na guia, que para TROYKO (2004) o exercício de "guia" é uma parte importante na formação de um cavalo novo, utilizado também no trabalho de "aquecimento ou como exercício alternativo", caso haja impedimento físico.

Para esse tipo de trabalho pode ser usado um *buçal* com uma corda longa de dois metros a mais que o raio do redondel, todavia o melhor material para fazer esse tipo de trabalho é um *buçal* americano, também conhecido como *serrilhão*, que possui uma superfície dura na região do chanfro do animal e três argolas para o encaixe da guia, e a própria guia em si, que deve possuir uma fivela de encaixe para fixar nas argolas do *serrilhão*. Faz-se necessário também um chicote de guia para ajudar na movimentação do equino.

Figura 19 – Serrilhão e guia



Fonte: compilação do autor, 2022.

Figura 20 – Chicote de guia



Fonte: compilação do autor, 2022.

Dessa forma, o serrilhão deve ser inserido na cabeça do animal como se fosse um *buçal*, e a parte dura com as argolas devem ficar fixas no chanfro do animal para o exercício na guia ter melhor aproveitamento, feito isso, o domador escolhe a direção que quer rodar seu animal e controlando o uso do chicote e com os comandos de “ao passo” “trote” e “galope” ele alterna as andaduras do equino de forma que o mesmo assimile cada uma ao comando de voz e trabalhe sua musculatura e equilíbrio de forma eficiente.

Figura 21 – Exercício de guia parte 1

Fonte: Próprio autor, 2022.

Figura 22 – Exercício de guia parte 2

Fonte: Próprio autor, 2022.

4.2 Primeiro encilhamento e primeira montaria

O primeiro encilhamento do equino é uma etapa bastante delicada da doma racional, pois como já foi dito anteriormente cada animal possui um temperamento distinto e pode reagir mais ou menos ao processo de encilhamento, portanto esse procedimento deve ser realizado com muita calma e atenção do domador, para não gerar nenhum tipo de trauma ou rejeição do equino aos arreios. Nessa perspectiva, os seguintes materiais devem ser usados nessa etapa: sela, manta, barrigueira, cabeçada, bridão e rédea.

O primeiro passo é pôr a manta, a sela e a barrigueira no animal:

Figura 23 – Sela**Figura 24 – Manta****Figura 25 - Barrigueira****Fonte:** compilação do autor**Fonte:** compilação do autor**Fonte:** compilação do autor

Ao realizar esse processo, o domador deve apresentar cada material ao cavalo para que ele se acostume com aquele objeto, primeiro deve ser apresentado a manta, o domador deve posicioná-la próximo a cabeça do animal e esperar que ele sinta confiança de encostar na manta, após isso o domador deve esfregar a manta por todo o corpo do animal e por fim, por ela em seu dorso. As imagens abaixo exemplificam:

Figura 26 – Encilhamento parte 1**Fonte:** compilação do autor, 2022.**Figura 27 – Encilhamento parte 2****Fonte:** compilação do autor, 2022.

O mesmo procedimento é feito com a sela, primeiro ela deve ser apresentada ao animal para que ele se habitue, e depois é posta no dorso do animal:

Figura 28 – Encilhamento parte 3



Figura 29 – Encilhamento parte 4



Fonte: compilação do autor,2022.

Fonte: compilação do autor,2022.

Por fim, é posicionada a barrigueira, nesse momento o domador deve ficar atento a reação do equino, e ir apertando a barrigueira aos poucos até o animal se acostumar com a pressão, e então o domador movimenta o animal para se adaptar a barrigueira.

Figura 30 – Encilhamento parte 5



Fonte: compilação do autor,2022.

O próximo passo é introduzir a cabeçada juntamente com a embocadura no animal, de acordo com COLARES (2019, p. 13).

Em um trabalho de doma (iniciação), a embocadura assume uma função mais mecânica, devendo ser a princípio, a mais leve possível e feita com um material mais maleável (se possível). No Adestramento básico, tem papel de reforço das ajudas naturais, e no Adestramento mais avançado, surge com ferramenta de indicação da posição da cabeça do animal.

O número de embocaduras existentes é bastante amplo e cada tipo de embocadura tem uma finalidade específica, porém para a iniciação do equino e o foco será o bridão que é a mais simples e exerce menos pressão na boca do animal para que ele possa se adaptar a ela, como mostra a imagem abaixo:

Figura 31 – Bridões e freios bridões



Fonte: compilação do autor, 2022.

Ao fixar o bridão e a cabeçada, o domador deve apresentar o conjunto ao equino semelhante aos outros materiais, dessa forma o domador passa as rédeas por trás da cabeça do equino para contê-lo, então lentamente vai encaixando o bridão na boca do animal para depois encaixar a cabeçada.

Figura 32 – Encilhamento parte 6

Fonte: compilação do autor,2022.

Figura 33 – Encilhamento parte 7

Fonte: compilação do autor,2022.

Por fim, a primeira montaria, nessa fase é importante o uso de EPI (equipamento de proteção individual) para resguardar o domador de qualquer lesão, visto que o cavalo é imprevisível e nessa etapa o domador está totalmente vulnerável por estar montado nele. A bota e o capacete serão os equipamentos de segurança utilizados nessa etapa da doma.

Figura 34 – Capacete

Fonte: compilação do autor,2022.

Figura 35 – Bota de equitação

Fonte: compilação do autor,2022.

Para montar no cavalo pela primeira vez o domador deve “acostumar” o animal com seu peso, para isso ele tem que pôr o pé no estribo e fazer pressão em média 5 vezes para cada lado, até o animal parar de reagir, posteriormente ele sobe devagar, apoiando sua barriga na sela e acariciando o animal como forma de agrado. O domador repete essa ação até que o equino pare de esboçar reação.

Figura 36 – Montaria parte 1



Fonte: compilação do autor, 2022.

Figura 37 – Montaria parte 2



Fonte: compilação do autor, 2022.

E então, o domador sobe no equino, se equilibra na sela e pede a saída do animal devagar, somente ao passo, e quando ele sentir confiança no animal pode avançar para trote e depois para galope.

Figura 38 – Montaria parte 3



Fonte: compilação do autor, 2022.

Figura 39 – Montaria parte 4



Fonte: compilação do autor, 2022.

É importante ressaltar que a cada passo da doma em que o cavalo faz o desejado pelo domador ele receba um estímulo de que realizou algo corretamente, pois os cavalos aprendem por repetição, como um carinho ou tapinhas na região do pescoço (GUIMARÃES et al., 2005a; DOMA, 2014).

4.3 Trabalho nas rédeas e flexionamento

Nessa fase que é bastante técnica, o equino ira aprender a flexionar seu pescoço para fazer movimentos para direita e esquerda, girar e caminhar para trás, dessa forma o domador andando a passo deve puxar a rédea lentamente em direção ao seu joelho na direção que quer ir, para que o cavalo possa senti a ação do bridão.

Figura 40 – Exercício de flexionamento parte 1



Fonte: compilação do autor, 2022.

Da mesma maneira para caminhar para trás o domador deve puxar as duas rédeas em direção a sua barriga fazendo com que o equino encurve sua cabeça para baixo (flexão de nuca) e sempre seguindo o princípio do alívio de pressão, assim que o cavalo der um passo para trás o domador cede a rédea, seguindo esse exercício até o animal assimilar. Nessa perspectiva, quando o domador sentir que precisa fazer menos força para flexionar, o equino ele pode partir para um exercício mais avançado com o uso de obstáculos, fazendo movimentos de ziguezague com o cavalo entre eles. Abaixo vemos o exemplo:

Figura 41 – Exercício de flexionamento parte 2



Fonte: compilação do autor, 2022.

As manobras de rédeas visam desenvolver as habilidades do cavalo, agilidade em sua execução e manter o cavalo atento para os comandos que serão dados pelo domador que são de grande importância para qualquer atividade que o animal desempenhará. (GUIMARÃES, 2005b).

4.4 Treinamento de choque

A formação e treinamento da tropa de choque hipomóvel, envolve a conciliação entre homem e animal para o emprego crítico dos equipamentos, técnicas e táticas de acordo com os dispositivos legais que regem a ação da tropa de choque. A formação do animal é resultado de um processo de seleção minuciosa que inclui a preparação física, técnica e emocional. Tais características são importantes, uma vez que o cavalo que compõe a tropa de choque hipomóvel será empregado nos mais variados ambientes e são expostos a uma grande quantidade de pessoas, sons, materiais e terrenos com os mais diversos tipos de obstáculos (BRASIL, 2017).

A seleção dos animais começa pelo seu porte físico, devendo ter uma altura média entre 1,55m e 1,65m, variando a idade entre 3 e 8 anos e atender aos seguintes requisitos descritos por Brasil (2017, p. 153): saúde; rusticidade; resistência; flexibilidade; agilidade; força e potência muscular; equilíbrio; porte; calma; franqueza;

submissão. Após a seleção inicia-se o treinamento visando imergir o animal em ambientes simulados que retratam o que será enfrentado durante a OCD(Operação de Controle de Distúrbios) e patrulhamentos. O animal deve ser capaz de enfrentar adversidades e obstáculos sem hesitação, deve ser feita a adaptação dos animais em áreas com concentração de agentes químicos destinados ao controle de tumultos, apesar de que tais agentes têm pouco efeito nos cavalos.

Outro ponto importante é a massificação da ordem unida a cavalo, visando a demonstração de disciplina e força da tropa montada. De acordo com Minas Gerais (2004) a ordem unida fornece a tropa: moral, disciplina, espírito de corpo e proficiência em suas ações. Ao analisar a ordem unida do ponto de vista animal, ela fornece ao cavalo a obediência e confiança nas ações tomadas por seu cavaleiro, mantendo o animal submisso a todas as decisões tomadas sob quaisquer circunstâncias.

Uma ferramenta essencial nesse processo de adestramento é a Pista de Combate Simulado de Choque Hipomóvel. Segundo Brasil (2017) a pista consiste em uma sequência de 59 obstáculos, alocados em corredores e que podem ser percorridos de forma aleatória. Os obstáculos têm como finalidade reproduzir os possíveis cenários que o cavalo irá enfrentar durante o seu emprego operacional e têm como finalidade desenvolver franqueza e coragem através da familiaridade com as situações vivenciadas. Aliados aos obstáculos físicos devem ser empregados os outros tipos de estressores como por exemplo: barulhos semelhantes a disparos de arma de fogo, sirenes, gritos, agentes químicos, fumígenos e explosivos.

A pista deve possuir cancelas de entrada e saída e o animal deve ser capaz de empurrar as cancelas com o peito para poder passar. As cancelas devem ser construídas de forma que permitam sua abertura e fechamento após a transposição do animal.

Figura 42 – Cancelas



Fonte: Brasil (2017, p. 155)

Outro obstáculo que pode ser encontrado na pista, é a ultrapassagem de valas, geralmente medem cerca de 50 cm de largura e 30cm de profundidade, e tem como finalidade adestrar o animal para a superação de obstáculos comuns em grandes cidades como bueiros e buracos. É comum que coloquem fogo em seu interior para elevar o nível da instrução e “acostumar” o animal com possíveis incêndios causados por manifestantes. De modo análogo o uso de toneis tem o objetivo de forçar o animal a adquirir o hábito de saltar para transpor obstáculos. Do ponto de vista operacional isso pode ser facilmente observado no ambiente de emprego da tropa hipomóvel em calçadas, pneus e outros objetos deixados por manifestantes com o intuito de bloquear a passagem.

Figura 43 – Tonel utilizado com obstáculo



Fonte: Brasil (2017, p. 156)

Outro obstáculo comumente utilizado para adaptar os animais a ambiente com pouca visibilidade é o túnel. Simula obstáculos visuais oriundos de gases e fumígenos.

Figura 44 – Túnel visto de fora e de dentro



Fonte: Brasil (2017, p.156)

A pirâmide por sua vez é um obstáculo em formato que lembra uma escadaria, porém, com um topo mais estreito em relação a base, tem como objetivo desenvolver o equilíbrio e coragem do animal. Situação que na rua pode se assemelhar a transposição de uma pilha de entulhos:

Figura 45 – Obstáculo em forma de pirâmide



Fonte: Brasil (2017, p. 157)

De maneira análoga ao obstáculo em forma de pirâmide, temos, a escadaria que também tem o objetivo de dessensibilizar os animais a possíveis obstáculos que possam ser encontrados nos centros urbanos.

Figura 46- Escadaria



Fonte: Brasil (2017, p. 158)

Por sua vez o fosso com 50 cm de água visa preparar os animais para se sentirem confortáveis com locais onde se tenha um volume grande de água.

Figura 47 – Fosso com água



Fonte: Brasil (2017, p. 157)

Por fim, temos a ponte como obstáculo, constituído de madeira, tem seu fundo irregular e se move e balança de acordo com o pisotear do cavalo, fornecendo a impressão de passar em uma pequena ponte de madeira com guarda lateral.

Figura 48 – Ponte de madeira



Fonte: Brasil (2017, p.157)

Aos olhos de um leigo, tal exposição pode caracterizar abuso ou maus tratos dos equinos utilizados em situações de OCD(Operação de Controle de Distúrbios), porém, de maneira análoga ao treinamento dispensado aos policiais da corporação, onde cada vez mais se busca a fidelidade com a realidade e a inclusão de estressores dentro das instruções realizadas buscando o melhor desempenho do policial em ocorrências reais que se assemelhem as que já ocorreram em ambiente controlado. Dessa maneira, a tropa hipomóvel deve ser adestrada constantemente, com a ressalva de que deve se ter cuidado com a frequência dessas simulações buscando evitar elevados e seguidos níveis de estresse nos equinos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este estudo é possível perceber que a doma racional consolida-se como a forma mais adequada de conquistar os equinos, promovendo benefícios ao animal quando comparada à doma tradicional. Assim, é fundamental compreender o equino, seus sinais, suas características naturais e necessidades de sobrevivência.

Dentro do 1º RPMont a doma racional é uma ferramenta crucial para domesticação e conquista dos animais, com ela é possível ter um rebanho confiante, preparado para as atividades que são destinados, principalmente no policiamento ostensivo.

Dessa maneira, ficou explícito com o exposto aqui que a melhor alternativa a ser utilizada dentro do Regimento, é a que utilize uma equipe preparada para trabalhar os vícios de animais já formados e o preparo de animais pequenos, haja visto, que a doma inicia-se desde a gestação do potro, pois a égua precisa ser ter boa saúde.

A doma racional por si só já é um importante meio para domesticar o cavalo, mas ela só não é suficiente, sendo necessários entendimento e ações de manejo dos animais, estando de acordo com o seu bem-estar. O trabalho contínuo é crucial com os equinos, pois assim não há a possibilidade de quebra, tendo depois o domador que iniciar todo o trabalho devido a não continuidade da doma.

O processo pode ser lento, mas gera bons resultados quando feito da forma correta. Nesse sentido, a doma racional é compreendida como um processo longo de ensinar o cavalo, no entanto, com excelente aproveitamento, onde o domador terá um companheiro no final de sua jornada de doma.

REFERÊNCIAS

ANDRADE J. L. R.; NUNES M. S.; GEDANKEN V. Coleção SENAR - 185 Equideocultura: manejo e alimentação, p. 08 – 81, 2018. Disponível em: <https://www.cnabrazil.org.br/assets/arquivos/185-EQUIDEOS.pdf>. Acessado em: 05/02/2022.

ANTHONY, D. W., e Brown, D. R. The Secondary Products Revolution, HorseRiding, and Mounted Warfare. **Journal of World Prehistory**, v. 24, p. 131-160, 2011. doi: 10.1007/s10963-011-9051-9.

ANTHONY, D.W. **The horse, the wheel, and language**: How Bronze Age riders from the Eurasian steppes shaped the modern world. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2007.

BORGES, C.A. Doma racional e manejo dos equinos da cavalaria da polícia militar do estado do Ceará. (Relatório de estágio) Graduação em Zootecnia - Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias, Curso de Zootecnia, Fortaleza, 2015.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Manual de boas práticas de manejo em equideocultura / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Mobilidade Social, do Produtor Rural e Cooperativismo. – Brasília : MAPA/ACE/CGCS, 2017.

BRASIL, Departamento de Educação e Cultura do Exército. **EB60-ME-26.401**: Manual Técnico de Equitação. 1ª Edição. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.605/98**, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm .Acesso em: 28 jan. 2022.

BREDA, M. E. **Manual do Cavalo**: o extraordinário guia para você. Sede Nova, Ed. Bertrand Brasil, 2020.

BROOM, D. M.; FRASER, A. F. Comportamento e bem-estar de animais domésticos. 4º ed. São Paulo, 2010.

BUJOK, M. Animals, women and social hierarchies: Reflections on power relations. **DEP**, v. 23, 32–47, 2013.

CICCO, L. Anemia Infecciosa Equina. Disponível em <http://www.saudeanimal.com.br> Acesso em 16 de setembro de 2007.

CINTRA, André. O cavalo- Características, manejo e alimentação. Roca, 2011.

CINTRA, A. G. Genética x Alimentação x Manejo/Treinamento. *In*: CINTRA, A. G. **O Cavalo**: Características, Manejo e Alimentação. Roca: São Paulo, 2011.

DIAS, I. **A Arte de Ser um Bom Cavaleiro**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

DURHAM, A. E. 2009. The role of nutrition in colic. *Veterinary Clinics of North America equine Practice*. v.25

GODOY, Arilda Schmidt. INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 mar./abr. 1995.

ESCOLA DO CAVALO, 2019. Disponível em: Portal Escola do Cavalo . Acesso em: 30 de jan. 2022.

FRAPE, D. Nutrição e alimentação de equinos. 3ª Ed. São Paulo/SP: Roca, 2016. 602p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, J. C. et al. Trabalhador na doma racional de equinos: Doma racional. São Paulo: SENAR, 2005a.

GUIMARÃES, J. C. Trabalhador na doma racional de equídeos: Rédeas. São Paulo: SENAR, 2005b.

GODOY, C. L. B. et al. Fechamento epifisário da extremidade distal do rádio em equinos da raça brasileira de hipismo. *Ciência rural*, v.34, n.6, p.813-815, 2004.

Hunziker, M. H. L. Um Olhar Crítico sobre o Estudo do Desamparo Aprendido. *Estudos de Psicologia*, v. 3, n. 14, p. 17-26, 1997.

JAYME, D. G.; JAYME, C. G. Iniciação de potros. **Docplaye**. [S.V.], 2017. Disponível em: <https://docplayer.com.br/27226856-Iniciacao-de-potros-diogo-gonzaga-jayme-medico-veterinario-dsc-zootecnia-professor-adjunto-da-escola-de-veterinaria-da-ufmg>. Acesso em: 12 fev 2022.

LEME, D. P.; SILVA, E. L.; VIEIRA, M. C.; BUSS, L. P.; Manual de Boas Práticas de Manejo em Equideocultura. 1ª edição. Brasília, MAPA. 2017. Disponível em: <https://www.bibliotecaagptea.org.br/zootecnia/equinocultura/livros/MANUAL%20DE%20BOAS%20PRATICAS%20DE%20MANEJO%20EM%20EQUIDEOCULTURA.pdf>. Acessado em: 20/11/2021

LEWIS, L. D. Alimentação e Cuidados do Cavalo. São Paulo, editora Roca, 1985, 248p

LEY, WILLIAM B. Reprodução em éguas: Para veterinários de eqüinos. Editora Roca Ltda. São Paulo-SP. 2004. p. 48-62, 124-125,184-188.

MCDONNELL, S. M. Reproductive behavior of stallions and mares: comparison of free-running and domestic in-hand breeding. Anim. Reprod. Sc. 60-61:211-219. 2000. Disponível em:
https://www.vet.upenn.edu/docs/defaultsource/research/equine-behavior-laboratory/00repro.pdf?sfvrsn=aa27e0ba_0. Acessado em: 15/11/2021.

Manual de bem-estar em animais de emprego militar: notas de aula / [Mariana Lopes da Conceição, Hariadyne Abreu Bitti, Thaíza de Lima Gonçalves, Otávio Augusto Brioschi Soares (Org.)]. [Rio de Janeiro: Escola de Saúde do Exército], 2020

MASON, G.,RUSHEN, J. **Steriotypic animal behavior**: fundamentals and applications to welfare. Ed.CABI, 2006. 357p.

MINAS GERAIS, Polícia Militar. **Manual de Emprego do Cavalo nas Atividades de Defesa Social**. Belo Horizonte: Academia de Polícia Militar - Centro de Pesquisa e Pós-Graduação, 2004 (Projeto).

MORAES, K.W.; et al. Interação Humano Cavalo. Feira de Ciências, Tecnologia, Arte e Cultura. Instituto Federal Catarinense, 2016.

MORETINI, C. A.; LIMA, J. A. F.; FIALHO, E. T.; MERCER, J. R.; BRANDI, R. A. Avaliação nutricional de alguns alimentos para equinos por meio de ensaios metabólicos. Ciência e Agrotecnologia, v. 28, n. 3, p. 621-626, 2004.

NRC. NATIONAL RESEARCH COUNCIL. Nutrient requeriments of horses. 5. Ed. Washington. D.C. 100p. 1989.

OLIVEIRA, J. E. G. Assimetrias e semelhanças da criação de equinos no sul do Brasil (RS) e na Argentina: Aspectos produtivos, sanitários e comerciais. 2012. Acesso em: 10/01/2022. Disponível em:
<https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/2424/2/2012%20-%20Jos%c3%a9%20Evandro%20Gerv%c3%a1sio%20de%20Oliveira.pdf>

Oliveira R.A. 2007. Controle de endoparasitas em eqüinos. Capturado em 15 dez de 2021. Online. Disponível em: <http://www.abqm.org.br>

OGILVIE, T. H. Anemia infecciosa Eqüina. Medicina Interna de Grandes Animais. Artmed. p.336-338. 2000.

SANTOS, J. A. P. M., CORREIA, R. F., Anemia Infecciosa Equina. Disponível em <http://pets.cosmo.com.br>. Acesso em 16 de setembro de 2021.

SOUZA, F.A. et al. Restrição alimentar e os mecanismos endócrinos associados ao desenvolvimento folicular ovariano em vacas. Rev. Bras. Reprod. Anim., v.33, n.2, p.61-65, 2009.

SUSAN, E.A. Considerações básicas sobre cães. Manual Merck de veterinária. São Paulo: Roca, 2011.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL. **Equídeos**: doma racional. Brasília: SENAR, 2017. 100 p.

SENAR. Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. Equidecultura: doma racional. Coleção Senar- Brasília, DF, 2017.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL - SENAR. Equídeos: doma racional. Brasília: [S.N], 2017.

SILVA, E.L. Proposta de Ferramenta para Avaliação do Bem-Estar de Cavalos com Base em Indicadores Físicos e Mentais. 2014. 60f. Dissertação (Trabalho de conclusão de curso em Zootecnia). Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2014.

TAROUÇO, A.K. Organização social e comportamento reprodutivo de garanhões e éguas da raça brasileira pônei. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

TORRES, A.P.; JARDIM, W.R. Criação do cavalo e de outros equinos. 3ed. Nobel S.A.: São Paulo, 1985. 654p.

TROYKO, Ingrid Borghoff. Manual de quitação fundamental. Mariporã - São Paulo, 2004.

VARGAS, H. Controle sanitário: moscas, endoparasitas, ectoparasitas. 2017. Acesso em: 25/10/2021. Disponível em: <http://www.tecsa.com.br/artigos/detalhes/equinos-doencas-e-transporte>.

APENDICE A

Entrevistado 1: Ivanilson Pereira Veras

Entrevistado 2: José Antonio dos Santos Cutrim

Entrevistado 3: Luciano Muniz Pereira

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA EQUIPE DO 1º RPMONT (transcrito)

Este documento é referente a uma coleta de dados destinada ao projeto de pesquisa: DOMA RACIONAL E SEUS BENEFÍCIOS NO 1º REGIMENTO DE POLÍCIA MONTADA DA PMMA, com o intuito de compreender como o regimento atua com relação a doma dos cavalos da corporação e de qual forma essa doma pode trazer benefícios para o agrupamento.

Dados:

Data da entrevista:

Local da entrevista:

Dados de identificação do entrevistado/a:

Nome:

Idade:

Formação:

Tempo de serviço na corporação:

Tempo de serviço na instituição/ campo da pesquisa:

Perguntas:

1. Qual seu posto ou graduação dentro do regimento?

Entrevistado 1: 1º sargento da polícia militar

Entrevistado 2: 1º sargento da polícia militar

Entrevistado 3: capitão

2. Qual sua Função no 1º RPMont?

Entrevistado 1: graduado de dia

Entrevistado 2: 1º serviço interno (guarda de dia)

Entrevistado 3: P/3 do 1º RPmont

3. Você considera que os animais do regimento são bem preparados para exercer seu papel nas atividades desenvolvidas pelo regimento?

Entrevistado 1: dentro do possível, considerando o baixo nível de treinamento dos animais e da tropa.

Entrevistado 2: os cavalos são submetidos a tratamento, mas nem todos ficam 100%, em virtude da genética que influencia no seu comportamento. Os equinos ideais seriam o brasileiro de hipismo (BN) que é um cavalo tranquilo que não se assusta com qualquer coisa.

Entrevistado 3: considerando os animais já treinados para o policiamento, penso que são preparados para executá-lo

4. Para você, quais os principais problemas que esses animais apresentam durante as atividades desenvolvidas pelo 1º RPMont?

Entrevistado 1: o embarque no caminhão, sensibilidade ao barulho da rua.

Entrevistado 2: Em sua maioria não apresentam nenhum problema o que acontece é alguns são mais assustados do que outros, mas os cavalos vivem em bandos, por isso o corajoso encoraja o nervoso, e com a técnica utilizada pelos nossos cavaleiros conseguimos cumprir a nossa missão.

Entrevistado 3: alguns animais que exercem a função no policiamento ainda apresenta alguma estranheza com estímulos, como faixas no chão, poças de água, sacos e sacolas e estímulos a outros como barracas, barulho e etc.

5. Qual o tipo de doma que você tem conhecimento e aplica na iniciação dos potros do regimento?

Entrevistado 1: iniciação (doma racional)

Entrevistado 2: doma racional que já é utilizada em todas as polícias.

Entrevistado 3: doma racional, que consiste no trabalho constante com o animal e a apresentação progressiva dos equipamentos e estímulos próprio da atividade fim, devendo o animal reconhecer o seu domador como líder.

6. Você já teve alguma instrução de doma racional durante o tempo que está no regimento?

Entrevistado 1: doma racional em curso de especialização

Entrevistado 2: Sim, em alguns cursos presenciais e onlines. Também por interesse próprio através de pesquisas, vídeos aulas e com alguns domadores que passaram por aqui.

Entrevistado 3: sim, durante o 1º CTMONT

7. Qual o seu entendimento sobre os processos da doma racional?

Entrevistado 1: a doma racional só vem somar no quesito desempenho dos equinos, sendo uma ferramenta essencial nos dias de hoje, até para se cumprir a legislação sobre o bem-estar do animal.

Entrevistado 2: bem, a doma racional é o melhor método para iniciar um cavalo. Você não amansa o cavalo, você o conquista, e ele lhe tem como um líder, isso faz com que você tenha uma relação de amizade como um amigo de trabalho.

Entrevistado 3: entendo que um trabalho que exige paciência onde o domador deve através do trabalho (rodar na guia, etc), consegue que o animal se submeta a ele gradativamente e apresentando os demais estímulos ao animal.

8. Você acha que a doma racional pode melhorar o desempenho desses animais nas atividades desenvolvidas pelo regimento? Justifique?

Entrevistado 1: sim, o desempenho do animal melhora muito com a doma racional, na medida que o cavalo passa a confiar mais no homem, a executar as tarefas que lhes são pedidas com mais confiança.

Entrevistado 2: com certeza, o cavalo passa a confiar em você e você no cavalo.

Entrevistado 3: sim, pois a doma facilita a adaptação dos animais no ambiente de trabalho externo.